

São Paulo, segunda-feira, 1 de dezembro de 1997

Diário Popular

# O pacote

ORESTES QUÉRCIA

A crise das bolsas, provavelmente, antecipou um problema que o Governo Federal, ante a sua pretensão continuísta, estava imaginando enfrentar somente em 1999, isto é, depois das eleições presidenciais, com o atual Presidente devidamente reeleito. A casa está ameaçando cair antes. Quando as notícias ameaçadoras surgiram na imprensa, o Presidente Fernando Henrique estava, como sempre, viajando. Ao chegar à Ilha Margarida, pelo que se noticiou, ele não tinha noção do que estava acontecendo com a economia mundial e dos riscos que o País que ele governa estava correndo. Os presidentes Carlos Menem, da Argentina, e Ernesto Zedillo, do México, chamaram a sua atenção e ele acordou. Acordou, mas continuou o mesmo. Deixou que as reações do seu Governo ficassem por conta dos tecnocratas.

O Governo perdeu uma grande oportunidade de enfrentar o problema de frente. Com coragem. A atitude correta, neste momento importante, seria o descongelamento do câmbio, acompanhado de medidas concretas para garantir a estabilidade da moeda e, com o apoio popular, vencer definitivamente a inflação, com o retorno ao crescimento e ao pleno emprego. Mas, evidentemente, isso envolve maiores riscos aos arrivistas desesperados pela reeleição. Em busca de menores riscos, resolveram tergiversar.

Como já aconteceu outras vezes, em outros governos, a equipe econômica anunciou, pela televisão, um pacote. Desta vez, destinado a produzir uma economia de 20 bilhões de reais nas contas do Governo até o final de 1998 (logo após as eleições). São 51 medidas de natureza fiscal, com cortes de despesas e investimentos públicos, demissão de servidores e aumento de impostos e tarifas. O País precisa economizar para pagar juros criminosos aos investidores estrangeiros, os quais sustentam, com os seus dólares, a atual política econômica antibrasileira. O corte de investimentos em saúde pública, educa-

ção, segurança e o aumento no preço da gasolina e no Imposto de Renda atingem, sobretudo, os mais pobres e a classe média. O pacote atinge a popularidade do Governo muito mais profundamente do que os estrategistas oficiais imaginam.

O prestígio do Governo se lastreia no controle biônico do processo inflacionário, através do congelamento da moeda. Muita gente, menos que antes, acredita nesta fantasia. Isso conta pontos no enfrentamento do risco com relação à edição do pacote econômico. Daqui para a frente, no entanto, a perspectiva mais lógica é o recrudescimento da violência na área política. Na ânsia desesperada pela reeleição, já valia tudo; agora, vai valer tudo e muito mais. O Governo já afastou diversos contendores julgados perigosos como adversários na sucessão presidencial e joga tudo para impedir uma candidatura do PMDB. A idéia é ganhar a eleição na esperteza, retirando o tapete aos eventuais adversários perigosos. Um sábio ditado da gente do Interior ensina, no entanto, que a esperteza, na maioria das vezes, vira bicho e engole o esperto.

Muita gente anda despertando para a realidade das coisas. O crash global não atingiu nenhum país de economia estável, como é o caso do Chile, da Itália e da Espanha, por exemplo. Os tecnocratas do Governo têm vendido a ilusão de que basta ingressar na economia globalizada para resolver os problemas do País. Não é preciso projeto próprio, os investimentos estrangeiros vão resolver tudo. A realidade vem mostrando, no entanto, que somente os países que souberam se organizar, com projetos próprios, de acordo com suas próprias realidades, podem enfrentar a globalização sem serem consumidos.

Um debate aberto e livre durante a sucessão presidencial vai, sem dúvida nenhuma, indicar um novo rumo ao povo brasileiro. Compete à classe política proporcionar esta manifestação livre, no interesse do futuro de todos nós.

Orestes Quércia é ex-governador de São Paulo